

VIDA ACADÊMICA EM SITUAÇÃO DE ISOLAMENTO SOCIAL: Como não a tornar ainda mais excludente¹

Por Valéria Aydos e Dienuza Costa²

A ideia deste texto é sensibilizar a comunidade acadêmica para a inclusão das pessoas com deficiência nas novas formas de configuração do trabalho e do ensino na vida acadêmica em tempos de Covid-19.

Muito material tem sido produzido neste sentido para o retorno às aulas no Ensino Remoto Emergencial (ERE) com a preocupação de auxiliar docentes e discentes, muitas vezes de uma ‘geração analógica’ e amantes de um bom livro, e uma longa e dialogada conversa em sala de aula. Apesar de ótimos e aprofundados, são extensos manuais que levam em conta aspectos educacionais e tecnológicos, mas que pouco respondem à urgência de docentes e discentes cuja vivência acadêmica e pessoal, apesar de sensibilizada por desigualdades socioeconômicas neste novo contexto de pandemia, pouco conviveram com pessoas com deficiência, desconhecendo as especificidades destes outros corpos e biopsicossocialidades.

Queríamos chamar a atenção para alguns cuidados a serem tomados na “passagem” de aulas presenciais para o ERE, assim como nos demais eventos acadêmicos. Nossa intenção é mais a título de ‘lembrar’ a diversidade de corporalidades e vivências das pessoas com as quais convivemos em uma atitude de acolhimento e inclusão, e menos de normatizar ou sobrecarregar as atividades docente e discente.

Antes de tudo, então, cabe lembrar que os cuidados aqui mencionados são para a acessibilidade de nossas aulas e encontros no Desenho Universal, ou seja, são para o benefício e a inclusão de **todas as pessoas**.

‘Nada sobre as pessoas com deficiência, sem as pessoas com deficiência’. Na dúvida, pergunte!

1) Vamos cometer gafes, não há como fugir! O aprendizado da interação cotidiana com as pessoas com deficiência é contínuo, então vamos aprender com elas!

¹ Este texto é resultado de um longo e estreito diálogo com pessoas com deficiência participantes dos Comitês de Deficiência e Acessibilidade da ABA e da ANPOCS, de 2015 a 2020. Visite os sites destas associações para guias mais completos de acessibilidade em eventos.

² Valéria Aydos é pós-doutoranda em Antropologia e membra do Grupo de Estudos em Antropologia e Deficiência do PPGAS-UFRGS, e das Comissões de Acessibilidade do PPGAS-UFRGS, da ABA e da ANPOCS. Dienuza Costa é estudante do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas na Unipampa-São Gabriel, com experiência em educação inclusiva. É também membra da ABRAÇA – Associação Brasileira para Ação dos Direitos da Pessoa com Autismo, autista e irmã-cuidadora de uma pessoa cega.

2) Bom, o primeiro passo é sempre mapear as demandas de acessibilidade das pessoas, perguntando para todas se têm alguma deficiência ou necessidade de recurso específico para participação nas aulas, principalmente para ver e ouvir textos, vídeos e áudios. Solicitar, também, que avisem se tiverem alguma condição física, psicossocial, intelectual ou sensorial (autismo, déficit de atenção, hiperatividade, dislexia, displasia, fibromialgia, esclerose múltipla, etc.), abrindo espaço para que esta pessoa ajude a pensar em formas específicas de ensino-aprendizagem que as contemplem.

3) Atente que o ideal é que este tipo de comunicação possa ser no privado, já que a publicização ou não de uma condição (deficiência ou de saúde) é escolha da pessoa e pode ter efeitos diversos nas barreiras atitudinais que ela possa vir a enfrentar, como o capacitismo³, por exemplo.

4) Mesmo que materiais sobre experiências didáticas no ensino remoto ou EaD mencionem que a tela passa uma sensação de segurança, em geral aquelas pessoas que são quase invisíveis na sala de aula continuarão sendo em aulas online, se puderem. Nem sempre é ‘timidez’, pode ser decorrente de uma condição psicossocial e/ou neurodiversa⁴ da pessoa. Permita isso, respeite sua especificidade;

5) Muitas vezes temos dificuldades em definir o que é considerado como ‘certo’ ou ‘errado’ de dizer em aula – a dita “etiqueta acadêmica”, que faz calar muitas vozes. Isso se intensifica em interações não presenciais e, também, na vivência das pessoas neurodiversas. Talvez só se perceba estas diferenças comunicacionais e sociais no histórico da pessoa, ao longo do semestre ou ano, já que por imposição social de se adequarem, muitas pessoas neurodiversas desenvolveram ‘performatividades neurotípicas’ as quais, inclusive, as sobrecarregam sensorial e psicologicamente. Mantenha esse canal aberto e ofereça apoio para “tradução” destes códigos individualmente;

6) Ao iniciar uma transmissão, além de se apresentar, descreva a si mesmo e o ambiente aonde está falando. Se for um webinar com várias pessoas, peça que façam o mesmo antes de falar. “Meu nome é Valéria, tenho 47 anos, 1m64cm de altura, cabelos castanhos claro, longos e crespos e uso óculos de grau. Estou vestindo camiseta cinza e no momento estou na sala da minha casa”. Essa ação pode parecer desconfortável, mas será melhor entendida e aceita se houver a explicação de que todos temos o direito de “enxergar” o ambiente no qual estamos;

³ O capacitismo é o preconceito sofrido pelas pessoas com deficiência: atitude que leva em consideração a diferença (impedimento) física, sensorial, mental ou psicossocial para a avaliar/julgar suas capacidades e interagir com ela, ao invés de antes conhecê-la como pessoa e perguntar a ela sobre suas habilidades e possibilidades de participação em sociedade.

⁴ Pessoas neurodiversas são aquelas que possuem uma outra forma de perceber o mundo e nele interagir. Em geral, as que assim se denominam são aquelas situadas no espectro autista, mas a categoria por vezes engloba também pessoas com déficit de atenção ou outras condições psicossociais.

- 7) Se for uma vídeo-chamada com todos presentes em imagens, peça que todos cuidem a iluminação e posicionamento para que todos possam se enxergar. Mas lembre-se que nem todas as pessoas desejam aparecer, ou possam, ou estejam em um momento “certo” para isso, já que estão em casa. Além disso, a sensação de que estamos sendo vistos ou vigiados aumenta, e manter uma postura “socialmente aceita” por muito tempo nestes espaços pode ser desgastante;
- 8) Câmeras desligadas também causam menos cansaço. As conversas por vídeo exigem que trabalhem mais o nosso cérebro para processar pistas não verbais, como expressões faciais, tom da voz e linguagem corporal. Este esforço é maior para pessoas com deficiências psicossociais (ex. autistas, TDAH), as quais podem entrar em sobrecarga (*meltdown*) e ficarem impossibilitadas de interagir. Após as apresentações, então, procure deixar visível somente quem está com a palavra;
- 9) Peça que, antes de falarem, as pessoas levantem a mão e aguardem que a outra pessoa acabe totalmente sua fala. Evite falas simultâneas, elas impossibilitam o funcionamento das legendas automáticas;
- 10) Solicite, também, que as pessoas digam seu nome antes de cada vez que forem falar. Isso ajuda a termos tempo de direcionar o olhar para a pessoa, além de incluir na ‘conversa não-verbal’ as pessoas que não enxergam as imagens (por motivos de tecnologia ou deficiência visual);
- 11) Peça que todas tentem ser claras e sucintas em suas perguntas e manifestações, de preferência estipulando tempo de fala. O risco de “perder o fio da meada” é maior na interação não-presencial, principalmente para pessoas com deficiência psicossocial ou hipersensibilidades sensoriais;
- 12) Peça que as pessoas que puderem não se comuniquem no chat enquanto a videoconferência está em andamento. Para muitas pessoas acompanhar interações simultâneas é quase impossível. Se alguém precisar, por questões sensoriais, comportamentais ou sociais, usar o recurso do chat para suas manifestações, peça que avisem quando o fizerem, e leia cada pergunta ou comentário para toda turma antes de respondê-los ou comentá-los;
- 13) Infelizmente a maioria das plataformas, como a MConf não possui legendas em tempo real (closed caption). O Facebook sim⁵ (e fica gravada no seu perfil). Para disponibilizar suas aulas com legendas a qualquer tempo, será preciso gravá-las e colocá-

⁵ Cabe saber que legendas em tempo real ainda são muito imprecisas. Quem abrir a sala de conferência deve, antes da transmissão: *entrar no seu perfil, ir em “configurações da linha do tempo”, “vídeos”, na opção “sempre mostrar legendas” e “ativar”*.

las no Youtube⁶. Avise com antecedência em qual plataforma será o encontro, para que todos se preparem tecnologicamente para isso. Quase todas permitem a gravação de forma simples;

14) Caso tudo dê errado, ou você achar que não vai dar conta de tanta tecnologia, peça ajuda para os participantes! Colegas podem se voluntariar e transcrever as falas no chat da aula para que todos tenham acesso. Existe também um aplicativo que transcreve o som para um aparelho celular, se o colocar perto do microfone (do notebook ou de outro celular). Um conhecido é o “Live Transcribe”⁷;

15) Quando as aulas forem transmitidas com a imagem da face do professor, ele não deve colocar objetos em frente à boca, possibilitando, assim, a leitura labial. Também neste sentido, fale sempre pausado, tentando articular bem os lábios. (mas não como se as pessoas não conseguissem entender o conteúdo!);

16) Não colocar uma imagem na tela sem descrevê-la antes de utilizá-la para falar sobre um conteúdo, mesmo que seja apenas ilustrativa. Se ela está lá, ela acrescenta algo a sua aula! Certifique-se que sua boca apareça enquanto fala, desmembrando a tela em duas janelas; ou mostre a imagem, a descreva e depois fale sobre ela;

17) Procurar não se utilizar de comunicação não-verbal (como sinal de aspas com as mãos, entonação de voz ou expressões faciais que ‘comunicam em si mesmas’) sem que esta seja descrita ou brevemente comentada⁸. Por exemplo: A “cultura” [entre aspas] deste povo... OU [Ironicamente falando], eu diria que...;

18) É incrível como novas tecnologias podem gerar novas exclusões! Os podcasts ou mensagens de áudio são “mais leves” para baixar no whatsapp do aparelho celular, gerando inclusão social, mas são inacessíveis para pessoas surdas ou com deficiência auditiva⁹. Se na casa tiver mais de um celular, podem tentar o usar o app Live Transcribe, mencionado no item 14 para transformar áudios em textos;

⁶ Legendar um vídeo é uma tarefa mais técnica, mas segue sugestão de aplicativo para aplicação e sincronização de legendas em vídeos: <https://www.nikse.dk/subtitleedit/> . Para legendar seu vídeo no youtube, Dienuza Costa fez um tutorial que podemos disponibilizar.

⁷ Sugira este aplicativo para suas e seus estudantes. Está disponível no seguinte endereço eletrônico: <https://play.google.com/store/apps/details?id=com.google.audio.hearing.visualization.accessibility.scribe>

⁸ A audiodescrição (AD) é um formato de tradução visual semiótica que elabora imagens em palavras. É um dos mais importantes subsídios técnicos (tecnologia assistiva) para oferecer à pessoa cega ou com baixa visão a acessibilidade comunicacional aos eventos visuais. Privilegie ou procure versões de vídeos e filmes que tenham AD. Atenção: Mapas, tabelas, gráficos e outros objetos têm forma própria para serem descritos. Consulte a norma:

http://www.portaldeacessibilidade.rs.gov.br/uploads/1385029971nota_tecnica_21_mecdaisy.pdf

⁹ Cabe atentar para diversidade na surdez: há os “surdos sinalizados/sinalizantes” (usam a Libras como primeira língua), os “surdos oralizados” (usam o português como primeira língua), os “surdos implantados” (portam um implante coclear), os “surdos bilíngues” (usam as duas formas de comunicação, Libras e português), os “ensurdecidos” (surdez em decorrência do envelhecimento).

19) Enfim.... Tudo isso é bastante exaustivo! Não esqueça de fazer intervalos durante suas falas e nas aulas síncronas, para que todos e todas possam descansar entre um conteúdo e outro. Gravar aulas curtas, de no máximo 15-20 minutos tem sido o ideal.

Materiais mais acessíveis

1) Os materiais devem estar em formato que possibilita leitor de texto (word; pdf, rtf). Informe-se com as pessoas cegas ou com baixa visão sobre os requisitos para o software que elas possuem. Os mais comuns são: NVDA, Virtual Vision, Windo Bridge, Window-Eyes;

2) A legibilidade de um documento impacta no tempo de leitura. Procure usar letras sem chanfrados, como Arial ou Verdana;

3) O contraste de cor entre a fonte e o fundo ajuda na visualização. Uma boa opção são as cores opostas do círculo de cores, como laranja e azul claro, verde e vermelho, ou amarelo e roxo;

4) Quando utilizar hipertextos, estes devem ter termos claros. Não se deve utilizar “clique aqui”, nem colocar na mesma página termos com o mesmo nome (“seguinte”, “ok”, “cancelar” entre outros);

5) As imagens devem ser antecedidas de uma descrição que começa com “descrição da imagem” e acaba com “fim da descrição”;

6) Existem muitos vídeos legais de outras plataformas, como youtube. Cuide se eles têm legendas;

7) Não esqueça destas orientações em suas avaliações! Para pessoas cegas ou com baixa visão, não podemos ter questões de prova ou outras avaliações com imagens não descritas, como quadrinhos ou charges imagéticas que a própria interpretação seja a resposta. Se forem indispensáveis, deve-se elaborar outra questão para essas pessoas, com igual conteúdo.

Por fim, sabemos que são muitas novidades e que no início pode parecer muito trabalho, mas são atitudes que deixarão um legado de inclusão social para o futuro! Qualquer dúvida sobre este material, podem entrar em contato: valeria.aydos@gmail.com